

PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS *ONLINE*: na sociedade da informação e do conhecimento

autor

coautor

RESUMO

Inúmeras informações de diversas instâncias podem ser acessadas hoje por meio das numerosas tecnologias cognitivas em múltiplos pontos do espaço e deslocamentos expansivos, a partir da Internet. Infelizmente, a obtenção dessas informações, nem sempre agrega novos conhecimentos. Nesse artigo, refratamos o olhar, para professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) *online*, sob variados ângulos, para compreender como ocorre a atuação desses sujeitos no ambiente da Internet em espaços ubíquos. Como transformar a informação captada nos dispositivos e interfaces multimidiáticos recentes, em conhecimento? Uma questão, tomada para investigação por meio de uma abordagem qualitativa de pesquisa, com inspiração etnográfica e uso da técnica da Netnografia. Os resultados arquétipos consubstanciados, evidenciam que vivemos em mundo interconectado, embora existam comunidades inteiras de “desfiliados sociodigitais”, um mundo em que o processo de penetração social e educacional da Internet é irreversível, e que os sujeitos da EJA, não são os *off-liners* apaziguados.

Palavras-Chave: Conhecimento, EJA, Informação, Professores *online*.

1. Palavras iniciais: a conjectura, os sujeitos, e a metodologia

A história do tempo o tem configurando como, “senhor de tudo” protagonista em toda ação, essencial a cada sujeito. “Tempos múltiplos, apressados, urgentes, difíceis” (KENSKI, 2013, p. 15). Atualmente o tempo nos convida a todos os sujeitos, a aprender a ser, a está informado, a conhecer. Os professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) não estão isolados em um tempo distante, *off-liners*, como pensam alguns; eles estão atuando no campo da realidade sensível e do *online* em espaços multidimensionais.

A figura do tempo na tradição informático-midiática compõe seguimentos remetentes a uma pluralidade infindável de interconexões, e essas por sua vez, se estabelecem na interação desses dois universos fisiocráticos, o físico e o *online*. Esses dois universos encontram-se num estágio indissociável, vem se transmutando em um cenário de convergência de mídias digitais, de comunicação multimodal, de protagonismos em redes, pelos sujeitos e subjetividades mediatizados e midiaticizados.

É importante avaliar os contextos de atuação dos sujeitos *online*, uma vez que nesses ambientes, compartilham diversas informações que nem sempre são entendidas pelos próprios ou por seus interlocutores e tampouco transformadas em conhecimento.

A absorção em si do conhecimento é individual e específica. Mas, para que isso se dê, há a dependência do contexto, da experiência e da história de cada um. Contextos não são puramente individuais. São construções sociais e institucionais envolvendo signos, significados e hábitos de pensamento socialmente construídos (SANTAELLA, 2013, p. 15).

Diante desse paradigma que se instaurou na sociedade contemporânea, midiaticizada, onde o contexto encontra-se nos deslocamentos do sujeito para o *online* se desenvolve em ambientes de negociação, em que figuram diálogos, conversações, disputas, controvérsias, conflitos, e mediações apaziguadoras; tem-se um cenário mutável, no qual os sujeitos podem refartar sua sede por informações ou aguça-la.

A fim de compreender esse novo cenário que as tecnologias digitais fizeram emergir, impactando de forma significativa a aquisição personalizada e customizada de informações e de produção ou não de conhecimento, traçamos três objetivos: 1) Selecionar ambientes *online* que funcionem como mecanismo de navegação e interação de professores da EJA; 2) Analisar as principais características da atuação dos professores nesses ambientes; 3) Apresentar informações e possíveis conhecimentos que foram disseminados pelos professores nesses ambientes.

Ao final, esperávamos que esses três objetivos dessem conta de entender como o potencial multidimensional de disposição de informações e conhecimentos afetam o contexto de atuação dos professores. Assim nos propomos a caracterizar a atuação de professores *online* da EJA contemporânea em espaços ubíquos, mediante uma situação bastante recorrente: Como transformar a informação captada nos dispositivos e interfaces multimidiáticos recentes, em conhecimento?

Realizar essa façanha tem sido uma tarefa nada fácil no contexto das atuações dos professores no campo vasto da Web. Encontrar resposta para tal questionamento é, no fundo, uma justificativa para essa investigação, que perpassa, no mínimo pelo entendimento do homem enquanto sujeito de si, aprendendo a ser, em sua relação com o mundo e com os outros pelo mecanismo da linguagem digitalizada.

Entender as diferentes linguagem e mídias exige, novas maneiras de criar, distribuir e negociar significados, em uma rede complexa, marcada por fluidez e hipermobilidade, que “cria espaços fluidos, múltiplos não apenas no interior das redes, como também nos deslocamentos espaços temporais efetuados pelos indivíduos” (SANTAELA, 2013, p. 15).

Pesquisar esses sujeitos conectados requer adoção de métodos e técnicas que respeitem as singularidades das subjetividades em rede. Assim, a metodologia de pesquisa não poderia ter outra abordagem que não fosse a qualitativa, sob o olhar cuidadoso com o outro. Realizar pesquisa com essa abordagem perpassa pelo entendimento de algumas minúcias. “Trata-se de uma consciência crítica da propensão formalizante da ciência, sabendo indigitar suas virtudes e vazios. Portanto, o que se ganha e se perde com cada método” (DEMO, 1998, p.101).

A pesquisa teve inspiração etnográfica com base no método da etnografia, que para Angrosino (2009, p. 30) [...]“é a arte e a ciência de descrever um grupo humano, suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e crenças”; coadunando-se a noção de “etnografia como prática de produção do conhecimento sobre a cultura corresponde ao desejo de encontrar na antropologia e na educação um campo interdisciplinar de construção teórico-metodológica capaz de inovar concepções de ensino e aprendizagem” (MACEDO et. al, 2009, p. 161).

Para obtenção das informações utilizamos as técnicas da netnografia que é vista por alguns como uma tecnologia da Etnografia. A netnografia vem sendo comumente utilizada pelos etnógrafos na realização de pesquisas *online* no universo virtual da Internet, sem deslocamento de campo físico.

A este respeito, a netnografia, proposta como pesquisa na Internet, enriquece ancoragem de uma abordagem inovadora das inter-relações sociais provocando melhorias nos métodos ativos e participativos dentro do espectro do qualitativo (metodologia e prática social), integrados às transformações importantes Internet trouxe em nossas vidas diárias (GEBERA, 2008, p. 83).
[Tradução nossa]

Tomar essa técnica como instrumento de análise significa respeitar as novas peculiaridades da “ecologia das mídias”, expressão que, para Santaella (2013, p. 13) “tornou-se corrente desde que passamos a viver em uma sociedade mediatizada e midiaticizada”. Vimos em pouco tempo, minúsculos sistemas inteligentes espalhados por todo canto, e absorver o nosso tempo, mas também, permitindo que possamos nos comunicar a qualquer hora e em qualquer lugar, pela mobilidade dos aparelhos recentes.

Levando em consideração as inúmeras transformações que a rede mundial de computadores trouxe à sociedade contemporânea e, conseqüentemente, às práticas educacionais, estamos imbuídos em realizar pesquisas com foco nas interações que têm acontecido dentro dessa “nova realidade” promovida pela atuação dos sujeitos e subjetividades *online*, utilizando para isso a técnica da netnografia, que se pressupõe ser a “prática *online* da etnografia” (KOZINETTS, 2006, p. 279).

Nesse contexto, percebemos que “o limiar entre a vida física social e a vida social *online* é bastante tênue, elas se imbricam e se confundem”. É assim que a netnografia se apropria da análise social entre os sujeitos na internet para entender como as pessoas se comunicam no ambiente *online*. Adotamos a técnica da netnografia que nos permite a observação das ações do sujeito que acessam por meio dos dispositivos fixos ou móveis a rede mundial de computadores, interagindo em interfaces diversas.

A técnica da netnografia foi adotada porque permite através das interfaces midiáticas, realizar observação e coleta de informações. As quatro interfaces *online* utilizadas nessa pesquisa tiveram (descritas no tópico 2 a frente) designers pedagógicos pesados para um curso de formação de professores da EJA no Município de Eunápolis-Bahia em um projeto de extensão na UNEB/Campus XVI, intitulado: o uso de websites e softwares educativos como interface educativa na EJA.

2. A experiência *online* na sociedade “da Informação, do Conhecimento”

Para o senso comum ‘informação é conhecimento’. Durante muito tempo a sociedade tomou essa premissa como verdadeira; até que se insurgisse por conta da “ecologia pluralista de comunicação”, um “ritmo estonteante e desconcertante de transformações” que descortinaram essa ideia de que o ter acesso à informação significa produzir conhecimento (SANTAELLA, 2013, p. 19). Em função dos ciclos de

informações serem tão breves, e o aprendizado contínuo, com novas ferramentas disponíveis a todo instante, fica cada vez mais difícil, distinguir o que é de fato uma experiência de navegação e atuação *online*, com produção de novos conhecimentos.

Antes porém é importante conceituar o sentido que damos a palavra experiência e qual a sua relação com a informação e o conhecimento, isso porque, nem tudo o que se passa e acontece no mundo significa experiência para os sujeitos. Larrosa (2000, p. 21) afirma que: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.

Reconhecemos que as incursões *online* propostas aos professores da EJA que estão envolvidos no curso de extensão podem ou não ser profícuas a experiência para esses sujeitos, funcionando talvez para alguns como espaço para obtenção de novas informações. Concordamos com Larrosa (2000, p.21) quando afirma: “A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência”. Ter a consciência de que o contanto com informação não significa experiência é bem mais complicado nesses dias, pois existe uma ênfase na necessidade de ter informação, em estar informado, em atuar como sujeito informante e informado.

A buscar constante pelo saber, ‘não no sentido de sabedoria’, mas de estar informado, faz como que os sujeitos gastem seu tempo zapeando pelo ciberespaço, sem necessariamente, construir novas experiências sensíveis que os toque na direção de produzir novos conhecimentos em sobre o que se informou. Acreditamos que o excesso de informações sem atribuição de significados concretos, muitas vezes desautorizam a experiência e muitas vezes coloca os sujeitos na condição de passividade e acriticismo conforme aponta Paulo Freire”:

Não seria, porém, com essa educação desvinculada da vida, centrada na palavra, em que é altamente rica, mas na palavra ‘milagrosamente’ esvaziada da realidade que deveria representar, pobre de atividades com que o educando ganhe a experiência do fazer, que desenvolveríamos no brasileiro a criticidade de sua consciência, indispensável à nossa democratização (FREIRE, 2001a, p. 102).

Para que o homem consiga acompanhar o movimento da vida contemporânea, ele precisa adaptar-se a complexidade que os avanços tecnológicos impõem. Esse também é um duplo desafio para a Educação: adaptar-se aos avanços das tecnologias e

orientar o caminho para o domínio e a apropriação crítica desses novos meios. Segundo Castells (1999) o processo que ocorre nesse novo tipo de atuação dos sujeitos nas redes é caracterizado por três estágios: a automação de tarefas (racionalização dos processos existentes); a experimentação de usos (inovações) e a reconfiguração de aplicações (implementação de novos processos, criando novas tarefas).

Essa pesquisa leva em consideração esses três aspectos, e ousamos dizer que são três etapas fundamentais para que os sujeitos, em contato com as novas possibilidades das tecnologias digitais, entrem em contato com novas informações e conhecimentos, e saberes. Para Manuel Castells (1999, p. 114), os saberes contemporâneos estão atrelados aos meios virtuais, sendo que o entendimento do mundo contemporâneo “exigiria a discussão da especificidade das novas tecnologias da informação, ‘vis a vis’, seus predecessores históricos e de caráter revolucionário”.

3. Professores da Educação de Jovens e Adultos não *off-liners*

Nesse excerto, apresentamos uma breve análise do processo de navegação e interação *online* em interfaces da Web, promovida pelos autores dessa pesquisa em dispositivos tecnológicos, onde a Internet é vista como uma ferramenta de interconexão de experiências, vivências, sujeitos e subjetividades e não, uma visão de Internet enquanto universo paralelo sem conexão com o mundo “real” como apregoam os fatalistas.

A atuação dos sujeitos na Internet nas diversas redes de conexão que essa ferramenta tecnológica propicia vem fortalecendo e reconfigurado, a relação homem máquina e a própria relação entre os seres humanos, pelo encurtamento das distancias, [...] “uma nova forma social, a sociedade de rede está se constituindo em todo o planeta, embora sob uma diversidade de formas e com consideráveis diferenças em suas consequências para a vida das pessoas, dependendo da história, cultura e instituições” (CASTELLS, 2003, p. 225).

Muitas são as dificuldades em classificar a sociedade contemporânea. Essa questão reside, ao novo ver, no processo acelerado como as coisas acontecem e fluem na rede, de modo que o novo é uma constante, e figuram nesse cenário das novas tecnologias digitais, novos processos, informativos, comunicacionais em rede, numa

sociedade de rede, de interação com a máquina, de atuação de subjetividades. Todo esse fluxo dificulta estabelecer parâmetros fixos de classificação. Defendemos a busca pelo novo, pela produção de novos conhecimentos a partir da nova ecologia das mídias e pelo entendimento de que,

As novas tecnologias de informação e comunicação, caracterizadas como midiáticas, são, portanto, mais do que simples suportes. Elas interferem em nosso modo de pensar, sentir, agir, de nos relacionarmos socialmente e adquirirmos conhecimentos. Criam uma nova cultura e um novo modelo de sociedade (KENSKI, 2006, p. 23).

Todas essas mudanças vêm colocando a Internet como uma plataforma de vida, uma vez que os sujeitos contemporâneos veem se modificando de forma acelerada a sua relação com o outro, consigo mesmo por conta da interação via dispositivo tecnológico. Este impacto se faz sentir também na educação, em particular na EJA, representada por sujeitos que em sua maioria atuam no mercado de trabalho, e se veem em contato crescente a cada dia com novos recursos tecnológicos digitais.

Assim, adotamos o paradigma comunicativo-informacional para vislumbrar a comunicação em sala de aula sendo fortalecida pelo o uso de aparelhos tecnológicos interativos, (*smarthphones, tablets, iPads*), os quais podem servir como ferramenta de discussão e propagação de conhecimentos construídos pelos interlocutores reunidos em sala presencial e/ou na rede, ainda que para muitos seja uma realidade utópica.

Jovens e Adultos parecem estar em uma corrida incessante imbuídos em comunicar acontecimentos. “A velocidade é uma das maiores sensações e exigências do presente. Trata-se de uma das características marcantes da cibercultura, desterritorializada, mas territorialmente influente, que nasce das múltiplas interações nas redes e a partir das redes” (SILVEIRA, 2008, p. 54). As redes são o ponto de encontro dos pensares dos sujeitos contemporâneos. Há uma relação biunívoca entre os saberes em suas culturas e os da cibercultura. Essa relação não é meramente comunicativa, mas determinante, instigante de novos contextos educativos.

3.1 A web e o seu campo vasto de possibilidades

É crescente número de pessoas ou grupos que criam na internet suas próprias interfaces, postando na rede o que querem, conversando com quem desejam, oferecendo os serviços etc. À navegação na internet está aberta a todos, ela atrai os estudantes; eles gostam de navegar e comunicar-se com outras pessoas, mas infelizmente perdem muitas conexões possíveis, tendo dificuldade em escolher o que é significativo, de estabelecer relações, de questionar afirmações problemáticas, isso porque não são apoiados pela escola, ainda presa a antigas práticas.

Muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Perdemos tempo demais, aprendemos muito pouco, nos desmotivamos continuamente. Tanto professores como alunos temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas. Mas, para onde mudar? Como ensinar e aprender em uma sociedade mais interconectada? (MORAN; MASETO; BEHENS, 2000, p. 11).

Como alternativa, apresentamos a Web, que é um campo aberto, onde se desenham diversas aplicações com finalidades diversas: de divulgação, de pesquisa, ensino e de comunicação. Os alunos de EJA, devem estar inseridos neste contexto, principalmente porque existe uma falsa ideia de que jovens e adultos não conseguem usar adequadamente os recursos da rede, seja porque os primeiros se dispersam facilmente ou os segundos se sintam inábeis, contudo isso vem mudando, porque ambientes que antes eram terreno de crianças e adolescentes, hoje são explorados por jovens e adultos, que veem neles, possibilidade de aprendizagem.

Dentre as ferramentas da Web, algumas aplicações são bastante significativas e podem ser muito úteis na construção de um *design* didático pedagógico. Nessa pesquisa foram usadas quatro interfaces da Web como instrumentos de trabalho para construção de um cenário pedagógico inovador com vias de promover uma certa interação e interativa entre professores da EJA com desejos de integração de prática pedagógicas ainda que geograficamente distantes.

É importante sinalizar, que nesse artigo, apresentamos de forma breve essas interfaces e descrevemos como elas vem sendo utilizadas pelos professores da EJA que estão envolvidos no projeto de extensão já citado, trazendo falas e inferências dos sujeitos, a partir do que tem sido proposto pelos pesquisadores nos respectivos ambientes, sendo estes vistos como instrumentos a serviço de uma funcionalidade

didático pedagógica, de modo que não são explorados aqui, as dimensões técnicas e conceituais, já apresentadas em outros referenciais bibliográficos e virtuais de pesquisa.

A seguir apresentamos um organograma dessas interfaces.

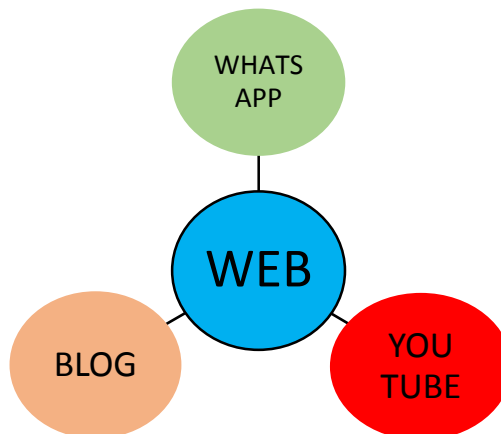


Figura 1 – Organograma das interfaces da rede usadas na pesquisa

3.2 O *blog* como dispositivo de iniciação a navegação online

O meio digital como ambientação para produção e criação de atividades pedagógicas surge inicialmente como um meio para mera reprodução e transposição de tarefas, e o *blog* mostra-se como uma ferramenta bastante eficaz pois permite diversas conexões de imagem, sons, textos, e *hiperlinks*, que transmitem as sensações dos sujeitos, os quais tornam-se arquitetos de percurso.

O produtor do *blog* funciona como um mobilizador de inteligência coletiva, pois os [...]“blogs, se inventaram através da ressonância da linguagem da programação visual impressa de livros, jornais, revistas, ao mesmo tempo em que esses últimos vão incorporando algumas inovações do design na web” (MARTINS, 2014, p. 65).

Nessa pesquisa foi feita a escolha do *blogger*, que é propriedade do *google*, por ser um *blog* que permite conexões com diversas outras plataformas, o que torna possível compartilhar diretamente por meio do PC, *smarthphone* ou *tablete*, uma vez que o *blogger* possui aplicativo que pode ser baixado para navegação facilitada nos dispositivos móveis.

A seguir apresentamos a interface do *blog* oficial da pesquisa.



Figura 2 - Print da interface do blog

O *blog* nessa pesquisa foi pensado como mecanismo para integração das experiências didáticas vividas no espaço presencial e *online*, havendo transições suaves entre ambos. A medida que o grupo envolvido nessa pesquisa realizou incursões *online* e teve contato com material que julgava significativo, gerava comentários, dos quais alguns estão dispostos, como referência em atividades didáticas.

A seguir algumas impressões dos sujeitos sobre as novas tecnologias digitais comentadas na *tag*: a vida por trás do post respondendo como a provocação feita.

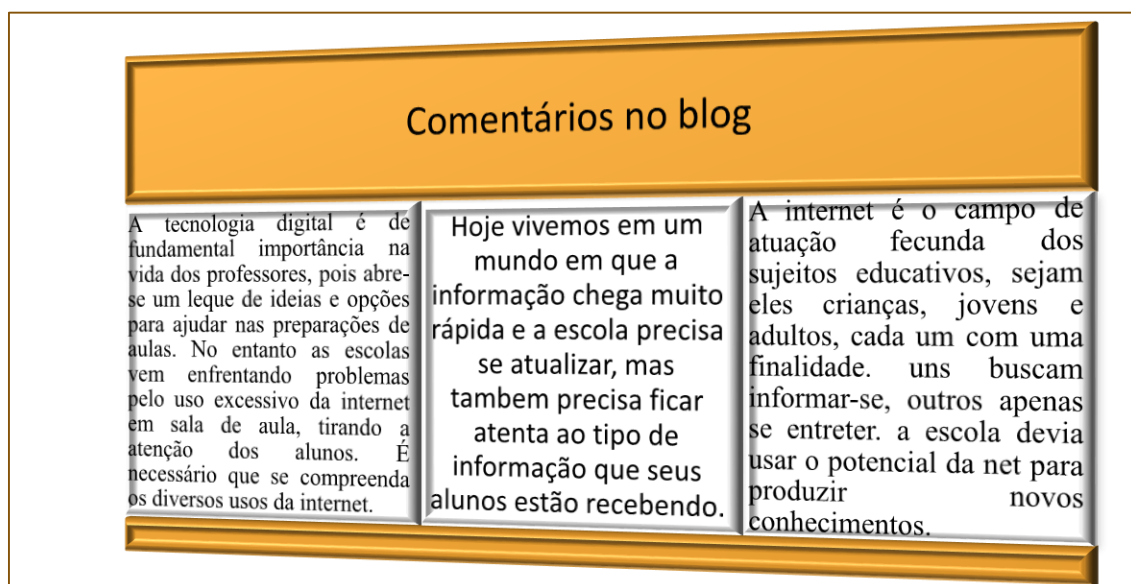


Figura 2: Quadro de síntese das impressões de sujeitos da pesquisa.

A facilidade de acesso e comentário no blog tornou esse dispositivo, um instrumento bastante importante na pesquisa, pois permitiu que os sujeitos navegassem como mais segurança e interagisse a partir dos links que eram postados em outro dispositivo, descrito abaixo.

Na fala desses professores da EJA, percebemos que eles reconhecem a presença das tecnologias digitais no contexto da escola e o conflito que existe nessa relação de presença do dispositivo em sala e ausência de práticas pedagógicas voltadas para integração das práticas de ensino/aprendizagem e os novos modelos pensados a partir das virtualidades e subjetividades em rede. Ressaltamos que o *blog* é um espaço formativo online da pesquisa, são apresentadas concepções teóricas e experiências de vida e formação no decurso da navegação *online*.

3.3 O whatsapp como dispositivo de comunicação imediata

O aplicativo foi utilizado como recurso, para comunicação entre os participantes, para postagem imediata de links, vídeos, imagens, dicas, informações curtas adicionais, que estejam ou não sendo trabalhados nas oficinas ou que estejam circulando na rede e que sejam do interesse do tema da pesquisa, com mediação dos pesquisadores.

A seguir apresentamos a interface do grupo de whatsapp da pesquisa



Figura 3 - Print da interface do whatsapp da pesquisa

Na figura há um exemplo de uma postagem dos cursistas desejando as boas vindas a uma nova colega ao processo de formação e a seguir uma chamada dos pesquisadores para acessar o blog e realizar uma nova tarefa. Esse aspecto é muito importante, pois caracteriza o aplicativo como dispositivo de entrada de informações, solução de dúvidas, exposição de fatos e referências de pesquisa, permitindo que se utilizem de hiperlinks e hipermídias para migração para outras ferramentas e interfaces da web onde estejam sendo desenvolvidas outras propostas didáticas.

O aplicativo representa uma contribuição social positiva, ajudando os professores a compreendê-lo como um recurso significativo no diálogo eletrônico diário, e que pode ser usado para melhorar a escolha de palavras do vocabulário e habilidades de escrita dos sujeitos e está informado sobre os acontecimentos em tempo real, ainda que, seja necessária uma meticulosa seleção do material a ser postado no grupo, afim de que as postagem não sirvam para legitimar algum tipo de preconceito ou concepção equivocada no campo educacional.

3.4 O youtube como canal de postagem e coleta audiovisual

O youtube vem se configurando como uma poderosa plataforma de postagem e coleta de vídeos. Esse ambiente vem possibilitando experimentação de um novo comunicar, estabelecendo outra relação do sujeito com a informação obtida, uma vez que ele não simplesmente assiste passivamente, mas compartilha o que assistiu e comenta no ambiente, realizando inferências que em muitos casos é (re)significado pelo autor da postagem ou mesmo os outros sujeitos atuantes no ambiente. No youtube a comunicação foge a lógica da unilateralidade através dos meios tradicionais e passando a circular no ambiente informações compartilhadas por inúmeros indivíduos, os quais são capazes de selecionar conteúdos e partilhar ideias.

Os professores estão sendo convidados a usar o canal para construir vlogues e exporem por meio de web vídeos suas experiências de sala de aula na EJA, uma modalidade de ensino em que as histórias de vida eclodem diariamente e são um ótimo material para documentário das vivências desses sujeitos educativos, professores e alunos. A experiência do canal no youtube ficou no estagio embrionário.

A seguir apresentamos um gráfico que revela a funcionalidade do youtube na vida dos 10 professores pesquisados, sendo que eles podiam optar por mais de 1 item. Essas informações de acesso foram colhidas, anteriores ao momento da proposição de documentar histórias de vida e formação dos sujeitos da EJA.



Figura 4 - Aspectos quantitativos de acesso ao canal youtube

Esse gráfico revela que o canal vinha sendo largamente usado como forma de entretenimento. Muitos professores apontaram que usam como espaço para visualização de conteúdos educacionais, contudo, frisaram que nem sempre se pode confiar nas fontes informantes, posto que qualquer sujeito pode ter o seu canal e publicar informações inverídicas ou incoerentes do ponto de vista científico.

As animações aparecem de forma expressiva, pois é utilizada com crianças que apenas assistem como faziam na tela da TV, de modo que ainda não vislumbram uso pedagógico. Em relação a questão formativa, apenas 1 professor sinalizou que busca estudar teorias e concepções pedagógicas no canal, por meio de acesso a palestras e conferências de eventos acadêmicos que são postados constantemente no ambiente.

Em relação a criar seu próprio canal, os professores demonstraram insegurança e apontaram alguns aspectos: primeiro por dúvida em relação a questão da exposição midiática, segundo por não ter certeza sobre o tipo de postagem que poderiam realizar; terceiro, pela dificuldade de realizar um planejamento de atividade com etapas de articulação de ideias, seleção dos sujeitos, o próprio processo de gravação e a postagem, além de questões de autorização dos sujeitos, entre outros aspectos.

4. Palavras finais: Professores em um mundo conectado

O subtítulo adotado para compor essa reflexão derradeira traz em si, um desejo, uma promessa, uma vontade, um anseio coletivo, e um desafio para os mais otimistas do cotidiano presente, povoado por informações sobrantes e sem significados para alguns, em perspectiva de um cotidiano futuro em que a informação seja fluida e se transforme de fato em conhecimentos para esses alguns e para os outros online ou off-line.

A Educação ainda não encontrou seu caminho no ambiente *online* para atuar de forma autônoma; os conteúdos e as situações de aprendizagem presentes na sala de aula convencional, não se apropriaram da “conectividade”, e tão pouco, o que se produz no contexto da escola é transposto para ambientes *online* e vice-versa. A escola desses “tempos virtuais” deve entender que se há comunicação e produção de conhecimento, é possível concretizar a integração de saberes, através dos recursos das redes *online*.

Com esse foco, essa pesquisa dará uma contribuição social, defendendo um processo histórico e relacional, virtual e/ou presencial, onde se crie uma realidade de integração entre o conhecimento sistêmico e profissionalização dos sujeitos educativos da EJA e o desenvolvimento de práticas pedagógicas futuras que valorizem os instrumentos tecnológicos como meios eficazes para a contextualização dos saberes.

Defendemos a socialização de saberes e não apenas de informações, conteúdos prescritivos e conhecimentos descontextualizados, sendo difundido no ambiente educacional em consonância com a nova conjectura global, uma prática em que o acesso a informação, seja visto um passo importante, mais não um fim, um elo para pensar novas ações e condições de produção de conhecimento pela prática autoral

Referências

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto alegre: Artmed, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003 (Trad. Maria Luiza X. de A. Borges).

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- DEMO, Pedro. **Pesquisa qualitativa**. Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. Rev.latino-am.Enferma gem, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104, abril 1998.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001a.
- GEBERA, Osbaldo Washington Turpo. **La netnografía: un método de investigación en Internet**. In: revista Educar, n. 42, p. 81-93, 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/28208731_La_netnografia_un_metodo_de_investigacion_en_Internet>2008.
- KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e tempo docente**. São Paulo: Papirus, 2013.
- KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.
- LARROSA, Jorge Bóndia. In: LEITURAS, S. M. E. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. 2000. (Publicado também na revista de educação Jan./Fev./Mar./Abr.2002, nº, 19).
- MACEDO, Roberto Sidnei; GALEF, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa**: educação e ciências humanas. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000.
- SANTAELLA, Lucia. **Comunicação Ubíqua**: Repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Editora Paulus, 2013.